

701057

Biblioteca - Unemat - PLA



00014263

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N.º	14263 01
Data	14 / 06 / 2010
☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta	

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ELIANA VIANA DA SILVA

O ESPAÇO EM *A METAMORFOSE*, DE FRANZ KAFKA



Pontes e Lacerda – MT
2007

82-3
55862
22.01

ELIANA VIANA DA SILVA

O ESPAÇO EM *A METAMORFOSE*, DE FRANZ KAFKA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura, Campus de Pontes e Lacerda-MT, sob orientação da Professora Ms. Susanne Castrillon.

Pontes e Lacerda – MT
2007

DATA: 06/03/2007

NOTA: 9,0

BANCA EXAMINADORA

Professora Ms. Susanne Maria Castrillon(Orientadora)



Professora Especialista Seila Maria Spessoto

Professora Ms. Maria da Penha F. Antunes

Pontes e Lacerda-MT
2007

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pelo dom da vida e pela conclusão deste curso.

À minha família deixo meus agradecimentos, em especial a minha mãe e a minha sogra.

Aos meus filhos Francisco e Letícia e ao meu esposo Adair pela paciência e compreensão.

À professora Ms Susanne Castrillon por me aceitar como sua orientanda.

A professora Seila Spessoto e Christiane Morelle pela Colaboração dada durante o curso.

Às colegas de curso em especial Izabel, Ilza e Silvana.

E a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente colaboram durante o curso.

*A poesia é conhecimento, salvação,
poder, abandono. Operação capaz
de transformar o mundo, a atividade
poética é revolucionária por
natureza; exercício espiritual, é um
método de libertação interior*

Octávio Paz

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir o espaço moderno em *A Metamorfose*, de Franz Kafka através da construção do personagem Gregor Samsa. Tomamos como apoio teórico a obra *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard que ressalta o espaço interior da *casa como nosso canto do mundo, o nosso primeiro universo*. Em suas obras, Kafka centraliza todas as coisas que tornam difícil viver em nossa época, onde as organizações e as estruturas em vez de atuarem em prol da pessoa humana, contra ela se colocam. E o faz de modo alegórico, imitando a linguagem onírica, como se tudo não passasse de um pesadelo, mas que é uma realidade, contendo, entretanto, um sentido simbólico, uma analogia e uma senectude com situações reais, absurdas, incompreensíveis, que por vezes se atulham no curso de nossa vida cotidiana. Nas suas composições, as personalidades são representadas metaforicamente por animais e com eles assemelham-se, assim, no conto aqui tratado em que a personagem principal é uma barata, inseto em que um caixeiro-viajante se encontra transformado, ao acordar, depois de uma noite de sono. Mas, o importante é que não se trata de um pesadelo ou alucinação e sim de um fato social, de tal sorte que o cidadão Samsa deixou de ser gente e agora não passa de um mísero inseto. Acreditamos que o significado alegórico do fenômeno diz que o cidadão Samsa antes de ser transformado num mísero inseto era um respeitado pai de família, sustentáculo importante de sua gente, mas que devido a uma doença incapacitante tornou-se um peso morto para a família, um problema cuja solução seria o seu internamento num asilo de inválidos, valendo lembrar que no mundo moderno qualquer um pode se encontrar na mesma situação do cidadão Samsa.

PALAVRAS-CHAVE: Kafka – Moderno - Espaço - Metamorfose – ficção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I - O MODERNISMO EM KAFKA.....	11
II – O ESPAÇO EM <i>A METAMORFOSE</i>	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

INTRODUÇÃO

Franz Kafka, símbolo da literatura moderna, um dos autores mais estudados e mais comentados do século XX, em vida teve seus livros publicados em pequenas tiragens de 800 a 1.000 exemplares, praticamente sem despertar qualquer interesse dos leitores. Ainda na década de 20, nos últimos anos que antecederam o seu precoce desaparecimento em 4 de junho de 1924 (um mês antes do seu 41º aniversário), a obra de Kafka era conhecida somente em reduzidos círculos de literatos em Praga e em Berlim.

Um fato bem ilustrativo é lembrado por Otto Maria Carpeaux, brasileiro naturalizado de origem austríaca, que, em Vinte e Cinco Anos de Literatura lembra seu encontro com Kafka, sendo assim provavelmente o único cidadão do Brasil a conhecer pessoalmente o “autor do absurdo”. Durante uma reunião literária em Berlim de 1920, Carpeaux foi apresentado ao “rapaz magro, pálido e taciturno” que despertou o seu interesse com seu olhar misterioso e perscrutador. Ao indagar de quem se tratava, recebeu a seguinte resposta: “É de Praga. Publicou uns contos que ninguém entende. Não tem nenhuma importância!...”

Esse gênio incompreendido na Modernidade publicou obras em que os temas que permeiam em seus escritos traduzem a preocupação do autor com a integração do indivíduo na sociedade, angústia e medo perante o processo desumanizador. Na parábola “Ante a Lei”, o

autor consegue um extraordinário efeito tragicômico, pontuando uma situação-limite o absurdo: o porteiro que deveria ter dado informação e ajudado no caminho à justiça, tornou-se um obstáculo intransponível para um camponês que desperdiçou a vida inteira numa vã e infrutífera espera perante o portão aberto, sem coragem de entrar. Franz Kafka conhecia bem a impotência e o desespero daqueles que andam a procura da justiça e da lei.

Os escritos de Kafka, apesar de se tratar de uma leitura difícil e hermética, cheia de simbolismos, continuam fascinando-nos e atraindo-nos para pesquisas como esta. Ele escreveu as obras mais significativas da moderna literatura; a verdade crua nelas presente faz com que pareçam naturalistas, mesmo quando falam em símbolos. Elas refletem a ironia e a visão profética de um homem como Gregor condenado a ver o mundo com tão ofuscante clareza que o considerou insuportável, e partiu para a morte.

A sua obra *A Metamorfose* faz parte dos livros mais lidos da Literatura Universal, e é considerada a obra de maior destaque. Esse conto apresenta como protagonista Gregor Samsa, um homem que vive só, no meio de uma família que o rejeita por ser diferente e fraco.

O nosso interesse em estudar este autor, surgiu em meados do curso de graduação por ser uma narrativa diferente e estranha, que causa inquietação. Fizemos uma pesquisa monográfica no final de curso problematizando a construção da personagem Gregor Samsa. Nesse novo momento de pesquisa problematizaremos a construção do espaço do personagem como formas de criação moderna Kafkiana na obra *A Metamorfose*.

O conto não apresenta o nascimento de Gregor, pois já inicia com sua transformação. Durante o período metamorfoseado o personagem passa por grandes dificuldades, até que sua morte é motivo de descanso para sua família. Com a transformação, o personagem passa a viver só em seu quarto, que se torna o seu mundo. Sendo o quarto espaço da intimidade e

do interior humano, hipotetizamos que este aspecto estabelece a relação tensiva entre forma e conteúdo, externo e interno, alienação e resistência.

Para compreender esse espaço tomamos como base a própria ficção e *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard. Este trabalho foi desenvolvido da seguinte forma: num primeiro capítulo trataremos da estética do modernismo em Kafka, ressaltando a construção da ficção Kafkiana e seu contexto; num segundo capítulo trataremos do espaço em *Metamorfose*, observando o espaço ocupado pelo personagem Gregor Samsa, limitado ao seu quarto e seu mundo interior.

Abrimos, então, às páginas do absurdo de Kafka para as análises dos absurdos cotidianos vividos por nós.

I - O MODERNISMO EM KAFKA

Esse trabalho tem a pretensão de conhecer um pouco do processo sócio histórico e ideológico do tempo vivido na obra metamorfose de Franz Kafka. Gênio do século XX, Kafka rompeu com aspectos do seu tempo, aprofundando pelo absurdo, o mundo humano e sua alienação.

O momento em que se articula sua palavra literária no mundo, movimentava-se em dualidades: de um lado a Áustria e do outro Hungria, dois estados aparentemente iguais, porém com sistemas dicotômicos. Na monarquia-húngara registra-se um império monárquico com numerosas minorias étnicas, entre elas os tchecos; Em Praga, lado oposto ao outro exposto, temos os extremistas reivindicando autonomia, em (des) ordem. É o mundo sendo (re) construído por resistências e caos.

Nesse ambiente nasce Franz Kafka, em 1883, filho de Hermann Kafka e Julie Lowy, um casal judeu de classe média. O casal teve outros filhos, mas, o nosso autor, torna-se um jovem quieto e reservado, sempre em busca de escrever peças de teatro para as irmãs representarem. Para isso mantém-se leitor de livros diversos constantemente.

Em Praga, a maioria das pessoas fala tcheco, mas a língua da elite é o alemão. Os pais de Franz impõem que estude em colégios alemães e não tchecos. Com dezoito anos, Franz conclui o curso secundário e ingressa numa universidade alemã para estudar Química e

logo se transfere para o curso de Direito. No outro semestre tenta Literatura Alemã, não se adapta e volta para o curso anterior. Neste curso em 1904 conhece um jovem escritor, Max Brod que foram amigos pelo resto da vida.

Em 1898, Franz já tentava escrever, mas insatisfeito destrói seus primeiros livros. Em 1905, surge a primeira obra completa, *Descrição de uma luta*. Em 1906 conclui o curso de Direito, porém trabalha em uma companhia de seguros. Esse emprego tinha uma carga horária abusiva e más condições de trabalho, por isso logo pediu demissão. Em seguida se fixa numa companhia de seguros de acidentes do trabalho e ali trabalha por quase toda a sua vida. Não era tão gratificante, porém trabalhava meio período e assim lhe sobrava tempo para dedicar a si mesmo e a seus escritos, pois via neles um modo de fugir da tensão que o dominava.

Mais tarde, Franz viaja à França, Itália e Suíça com o amigo Max Brod e se interessa por teatro. Enquanto jovem e mesmo adulto, é muito namorador, mas não se envolve profundamente com nenhuma mulher, pois seus relacionamentos eram sempre rompidos. Seu olhar para o feminino, segundo críticos, era patriarcal e arraigado em conceito e valores tradicionais, nos quais as mulheres deveriam ser bem comportadas, caso contrário, não seriam de boa família.

Logo Franz se apaixona por Felice Bauer e começa a lhe escrever cartas. Nessas trocas surge *O Julgamento*, obra dedicada a ela.

Em 1912, trabalhando em América escreve a sua maior obra *A Metamorfose* – ficção de grande destaque em que analisaremos o espaço da obra. Kafka é o espelho da humanidade isolada, sem amor e sem proteção, ele construiu a imagem do homem moderno, derrotado e impotente, quando diante de exigências que não pode compreender, achando-se, portanto, impossibilitado de satisfazê-las. Para o autor o mundo era incompreensível e a existência aterradora e irracional.

Franz escreve outras obras e nesse período continua o namoro com Felice, mas possui outros casos, quando ele a pede em casamento, contudo ela, insegura, termina o relacionamento. Nesse período, Franz apresenta os primeiros sintomas de tuberculose e escreve coletânea de provérbios e pensamentos. Ao retornar à Praga, mesmo doente, fica noivo com Julie Whoryzek, porém o pai da moça não o aceita, vende seu ponto de comércio e vai embora, pois sente vergonha do relacionamento da filha. Por esse motivo Franz escreve *Uma Carta ao Pai*, e, na véspera do casamento, Franz rompe o noivado.

O nosso autor tem outros relacionamentos amorosos e logo sai da casa dos pais para viver em Berlim com Dora. Parecem mais amigos do que amantes. O casal passa por dificuldades financeiras, porém ele parece muito feliz e escreve outra obra. Adoece, enfraquece-se muito, fica internado, recebendo carinho e dedicação de Dora. Seu amigo Max o visita e Kafka o autoriza a publicar *Um Artista da Fome* e outras histórias, porém pede ao amigo, que ele queime suas obras, pois as considera insignificantes. Após a morte do maior escritor do absurdo existencial, com menos de 41 anos, publica-se suas produções.

Podemos afirmar pelas leituras de críticos que se tornou um dos autores mais estudados no Século XX, um símbolo da literatura moderna, segundo Modesto Carone (2003, p.91) o escritor Elias Canetti, considera a obra a mais perfeita de todo o século XX.

A temática de Kafka na obra *Metamorfose* é o desespero do homem diante do absurdo da existência. Como dizia Sartre “é o próprio homem quem determina sua própria existência” (2005, p.09).

Segundo Sartre, a base da existência humana é a escolha que cada pessoa faz de si e de sua maneira de ser, o homem existe, se descobre, surge no mundo, e que só depois se define. O existencialismo faz uma reflexão filosófica sobre o ser do homem enquanto existente. Atribui ao homem a responsabilidade de sua existência.

A alienação e a solidão são temas do existencialismo e é como Kafka apresenta seu mundo ficcional.

A narrativa de Kafka conta-nos a história do personagem Gregor Samsa, que depois de adulto, se transforma em inseto; na perspectiva sartreana o homem é definido pelo ato e que o existencialismo é uma moral da ação.

Nesse sentido, cada ser humano faz para si uma escolha. O protagonista escolhe a maneira de sentir e ver o mundo, pois para esse ser de papel, viver o imposto pelas amarras sociais, como um prisioneiro do tempo e do trabalho é um absurdo. É melhor a despersonalização e a morte. Despersonalizar significará uma saída de resistência contra todas as convenções, sejam elas organizadas pelo estado –o trabalho, ou pela igreja –organização familiar.

Gregor apresenta-nos como um caixeiro viajante que mora com pais e irmã, sustenta toda a família e acaba se transformando em um inseto. Ao se transformar, passa a viver em um lugar específico da casa, “seu quarto”, ou seja, no seu “mundo” escolhido. Nesse lugar construído pela narrativa, o narrador mostrará, pela diegese, o absurdo do viver social.

Segundo D’Onofrio (1999, p.158), desde os primeiros parágrafos da narrativa, o leitor sente o impacto de um acontecimento completamente insólito que foge a possibilidade de qualquer explicação racional. Não há explicação científica, religiosa ou mágica. Gregor Samsa é um sujeito paciente e não agente, pois sofre as consequências de uma fatalidade: mudança de homem para inseto monstruoso.

Nesse aspecto, refletimos que a ficção Kafkiana não quer só mostrar a história de um homem que se transforma em inseto, mas também um alerta à sociedade e aos comportamentos humanos. Quando dizemos que Gregor era alienado ao trabalho, apoiamo-nos em autores que ressaltam que há vários tipos de alienação.

Aranha (1986, p.59) diz que para Rousseau “o homem comum alienado perde a compreensão do mundo em que vive”.. Nosso protagonista Gregor não sai pra se divertir, conversar e passear. Sua vida é limitada a sua função. Na obra observamos que o personagem não possuía amigos e isso o distanciava ainda mais dos acontecimentos cotidianos.

Em relação à existência, Sartre diz que “a única coisa que define o homem é o seu ato, mesmo que o homem sempre esteja situado num determinado tempo ou lugar”.(apud Aranha 1986, p.330)

O ser de papel que estudamos, às vezes, parecia nem existir, tinha casa, família e um trabalho, mas isso não lhe significava nada, vivia isolado por si próprio, num espelho sem brilho no qual a imagem é constantemente marcada e fixa.

Segundo D’Onofrio (2000, p.443) o problema humano em Franz Kafka é o sentimento de solidão influenciado por uma série de fatores tais como a desilusão, a perplexidade, a falência de ideais decorrentes do sofrimento humano provocado pelas guerras, com suas mutilações e perdas irremediáveis, caracterizam o período histórico cultural, tornando extremamente complexa a primeira metade do nosso século.

As vanguardas européias são movimentos que procuram expressar as contradições desencadeadas por tantas mudanças, tantos ganhos e simultaneamente tantas derrotas vividas na era da máquina. Por um lado, cultua-se a velocidade, o espaço, a vertiginosa aceleração técnico-científico; por outro se assimila a ausência de valores humanos, como as proporcionadas pela religião e pela própria ciência, que são questionadas em sua capacidade de gerar a felicidade e a justiça social.

Os movimentos de vanguarda ampliaram em direção a outras manifestações artísticas defendendo a interdependência de suas linguagens, a integração entre a música, a escultura, a arquitetura, a literatura e o cinema.

O Futurismo, o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo são estéticas que provocam uma revolução única no cenário artístico europeu e mundial, fundando a modernidade.

Segundo Afrânio Coutinho (1997, p.264) há duas formas de estudar o homem: o homem em relação com o quadro em que se situa, a terra, o meio; é a corrente regionalista ou regional, na qual, em sua maioria, o homem é visto em conflito ou tragado pela terra e seus elementos, uma terra hostil, violenta, superior as suas formas. E o homem diante de si mesmo e dos outros homens, construindo a corrente psicológica e de análise de costumes, preocupada com problemas de conduta, dramas de consciência, meditações sobre o destino, indagações acerca dos atos e suas motivações, em busca de uma visão da personalidade e da vida humana. Kafka escolhe falar do homem moderno. Partindo do pressuposto de que a literatura nasce da realidade ou da vida social, podemos dizer que a sua obra está inserida nessa segunda forma que ressalta:... “o homem diante de si mesmo e dos outros homens”.

O personagem Gregor é invadido pelo sentimento de solidão e Coutinho (1997, p.421) afirma que “na moderna ficção a solidão é responsável pela angústia, que elimina a possibilidade do encontro entre os seres iguais. O personagem Kafkiano pode tornar o drama social numa consequência do seu próprio drama interior” (1997, p.425).

Sabendo que a obra situa-se em época de crise, a chamada crise da modernidade, em que o homem abandona o sentido divino como exploração para a vida, a obra nos dá mais possibilidades de interpretações.

O crítico Antônio Cândido (2000, p.18) questiona sobre a influencia exercida pelo meio social sobre a obra de arte e afirma que num processo dialético realidade e ficção se completam. Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética da obra *A Metamorfose*, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte

plasma o meio, cria o seu público e suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas.

Neste aspecto, verificamos que na obra *Metamorfose* o narrador nos conduz a uma profunda reflexão sobre as várias transformações que o ser humano passa, nos forçando a pararmos para pensar em nossa existência, bem como as diferentes mortes que temos na vida, sejam elas físicas, sociais ou morais.

O comportamento de Gregor nos causa estranhamento, pois dormir e amanhecer transformado em um “inseto” é algo “absurdo”. Para D’Onofrio (2000, p.446) “falar do sentido da obra de Kafka é quase um não sentido, ele constrói seu mundo artístico, fechado à compreensão do leitor, margeando as raias do absurdo”.

Discutindo o absurdo da morte, Sartre ressalta que “se nós temos de morrer, a nossa vida não tem sentido, porque os seus problemas não recebem qualquer solução e ainda até a significação dos problemas permanece indeterminada” (apud Aranha, 1986, p.329).

Assim, pensando no personagem Gregor, sua morte é um absurdo, pois, seus problemas não foram solucionados. Como o homem é um ser social imposto pela sociedade, o moderno Kafka quebra estes paradigmas pela ficção ao construir o personagem rompendo com as tradições e se transformando em inseto. Como o estranho, o vazio, o nada, a sua morte o libertará. Podemos dizer então que, Gregor passa pela roda da vida, onde a passagem vida-morte-vida ocorre sem encontros, numa travessia ao desconhecido existencial. Pensamos na criação moderna Kafkiana como Friedrich (2002, p.58) espaços de tensão estabelecida nas relações antitéticas: vida e morte, realidade e fuga, verdade positivista e recriação imagética. Essas formas de criar a arte moderna propõem uma humanização maior para o mundo, pois é absurdamente genial os opostos sugerirem a necessidade do conflito individual e coletivo para a libertação.

II - O ESPAÇO EM *A METAMORFOSE*

Como vimos no capítulo anterior, a metamorfose é a ficção de maior destaque de Franz Kafka, onde o personagem sofre uma transformação que aos poucos o afastará dos seres humanos, desde seu isolamento até a sua morte. Com esta transformação absurda e estranha, o personagem é esquecido, mas a metamorfose não ocorre só com ele, mas também com o pai, que sai do seu comodismo para o trabalho, com a irmã que sai da solidão para o convívio e até mesmo a família, (pai, mãe e filha) que vivia presa ao lar, sai para o sol, ou seja para a vida.

O espaço do protagonista Gregor Samsa, homem que se transforma em inseto, é bem delimitado, no início da obra já diz: “Quando certa manhã Gregor Samsa despertou, depois de uma noite mal dormida, achou-se em sua cama transformado em um monstruoso inseto. (2002, p.17)

Aqui já observamos que o nosso personagem era um ser isolado, solitário, até mesmo a sua transformação ocorreu à noite, sozinho, em sua cama. Ao se transformar em um inseto o espaço-ambiente também começa a tornar-se insólito, não lhe servindo nem para suportar o peso. Ao narrar que a “colcha mal podia agüentar”. (2002, p.17), o narrador aponta-nos a despersonificação do ser e do seu espaço como lugares e coisas inapropriadas e insignificantes agora, pois o personagem não precisará mais da falsa proteção da colcha.

Bachelard (2000, p.23) ressalta que:

Para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado, isso é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental.

Assim, a casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Em ambos os casos, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade.

Quando Bachelard ressalta que “a casa é um ser privilegiado”, retomamos ao nosso personagem, pois Gregor tinha sua casa (quarto) como um lugar de refúgio onde fazia suas reflexões cotidianas, ou seja, “canto do mundo”.

Observe: “seu quarto, um quarto de verdade, embora excessivamente pequeno”. Neste trecho retomamos Bachelard quando ele diz (2000, p.25) ... “o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento dos sonhos”.

Esse particular virtual é dado ao personagem pelos pensamentos e digressões estabelecidas na narrativa. À fuga da realidade, a mente cria novas possibilidades, mesmo quando a mãe de Gregor o chama para levantar, e “através da porta de madeira”, ela nem percebe sua mudança de voz. No entanto, a percepção de que há um outro ser naquele espaço é oferecida a irmã que já percebe algo diferente e começa a indagá-lo.

Observemos que a porta pode simbolizar a entrada ou a saída para algum outro lugar. A mãe está fora do interior do quarto, portanto não o vê. Todavia, a experiência do contato com esse novo ser ocorre quando a irmã tenta romper a porta e entrar no mundo solitário do protagonista. A dicotomia bem e mal aparece: a mãe o rejeita e a irmã o ajuda.

Com a transformação, o “inseto”, não consegue nem sair do seu leito. E esse espaço vai se tornando seu mundo. Até mesmo o gerente da loja vem a sua casa para ver o que

havia acontecido. Pela “sala da esquerda” ele já percebe algo estranho, e mesmo sem anunciar, já sabe que o gerente já está em sua casa.

Esse personagem surge na narrativa como um ser superior que deseja receber uma dívida do pai de Gregor. Para isso, aprisiona o protagonista no trabalho. Gregor não é uma personagem egocêntrica e individualista e por isso não abandona seus problemas. Na verdade, a sua transformação será o bem de toda a família, pois liquidará a dívida.

O personagem pai em conversa com a família, comenta que o gerente desculpará o filho pela “desordem do quarto”. O que vem ser essa desordem? Para cada ser há respostas diferentes, pois o que era desordem para o pai, poderia ser ordem para o filho.

O narrador revela que “na sala contígua da esquerda reinou um silêncio cheio de tristeza, e na sala contígua da direita começou a soluçar a irmã”. (2002, p.24) Sala da esquerda e direita. Como podemos imaginar este espaço da casa de Gregor que tanto o incomodava? Sabendo-se que a casa pode ser considerada como nosso primeiro universo?

Segundo Bachelard, a casa protege o sonhador e permite sonhar em paz e que ela é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, às lembranças e aos sonhos do homem. Neste aspecto, Gregor Samsa tem sua casa como suas lembranças e sonhos.

De seu quarto, Gregor observava o que se passava na sala e (2002, p.28) “pela porta aberta via-se a do apartamento, aberta também, o patamar da escadaria e a parte desta que conduzia aos andares inferiores”.

Podemos observar e comprovar neste trecho que seu quarto se tornou seu mundo como já dissemos anteriormente.

Retomando a narrativa, o gerente ao ver Gregor corre loucamente, a mãe não consegue aproximar-se, o pai também não faz questão de ajudá-lo. Assim apenas a irmã ainda tentava se aproximar, mas isso não era nada fácil. Como seu quarto se tornou em seu mundo,

Gregor passava o tempo todo pensando, e às vezes até sentia medo do quarto em que vivera tanto tempo.

Nesse sentido, o quarto é visto como um beco sem saída, uma prisão a qual Gregor não tem condições físicas e psicológicas para deslocar para outros cômodos da casa. Fechado no quarto, a atmosfera criada para nós leitores é de sufocamento e angústia. Em constante afastamento, o personagem vai perdendo a consciência do mundo anterior, não domina mais o pensamento e as palavras.

Bachelard (2000, p.25) ressalta que quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradias, transportamo-nos ao país da infância imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção. Algo fechado deve guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens.

Para Gregor, sua casa era uma nova casa, pois a partir da transformação, tudo foi modificado, em seu quarto retomava seu passado, lembranças que ficaram marcadas em sua vida. A casa é o ambiente de descanso, descontração, união e paz. Mas para Gregor o sentido se transformou a partir do momento que ele deixou se passar por diferente, estranho... neste aspecto Bachelard (2000, p.33) reflete que “a casa da lembrança torna-se psicologicamente complexa. A seus abrigos de solidão associam-se quarto”[...]

Nosso personagem fica preso no quarto, a casa torna-se seu mundo, porém ele não tem acesso a outros espaços a não ser o quarto e isso o torna ainda mais solitário pois a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade “(p.36). Se Gregor tivesse oportunidade de andar (ou rastejar) por toda a casa, poderia viver de, forma diferente, talvez não sentiria tanta solidão, pois :

Nessa comunhão dinâmica entre o homem e a casa, nessa rivalidade dinâmica entre a casa e o universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico. Essa transformação do ser da casa em valores humanos pode ser considerada como uma atividade de metáforas? Não haverá aí senão linguagem imagética? Enquanto metáforas um crítico literário haveria de julgá-las exageradas. Por outro lado um psicólogo positivo reduziria imediatamente a linguagem carregada de imagens à realidade psicológica do medo de um homem murado em sua solidão de qualquer ajuda humana. Mas a fenomenologia da imaginação não pode se contentar com uma redução que transforma as imagens em meios subalternos de expressão: a fenomenologia da imaginação exige que vivamos diretamente as imagens, que as consideramos como acontecimentos súbitos da vida. Quanto a imagem é nova, o mundo é novo. (2002, p.62-63).

O protagonista Gregor, em seu “espaço”, faz todas estas reflexões, repensando as suas atitudes, da família e até mesmo de outros seres humanos.

De acordo com essa análise do conto, podemos observar que a “porta” é muito importante para o nosso protagonista, pois durante o período metamorfoseado está sempre por perto da porta. Vejamos (2002, p.37) ... “colado a porta... a cabeça contra a porta através da porta”...

Gregor sentia vontade de conversar com alguém, já não suportava ficar só naquele quarto, mas quando a irmã entrava no quarto já abria todas as janelas, como se estivesse sufocada, e isso o incomodava muito. A janela é a abertura para o exterior, para fora do mundo familiar, do quarto. O pai e a mãe demonstravam atitude de medo e descaso também: “Mas com frequência, o pai e a mãe esperavam diante do quarto de Gregor enquanto a irmã o arrumava, e quando esta saía por certo lhes contaria exatamente como estava o quarto...” (2002, p.40).

Na narrativa, temos a impressão de estranhamento, absurdo, inquietação, medo, suspense e rejeição. Esse estranhamento citado dá-se em particular a cada leitor, pois somos acostumados a ler outros tipos de narrativas, e ao depararmos com a “anormalidade” de Gregor, sentimo-nos invadidos por um espaço estranho, incompreensível e absurdo.

A revolta, desespero, tristeza, angústia e sofrimento do pai não explicam suas atitudes, pois, “Gregor, apesar de sua triste e repulsiva forma atual, era um membro da família ao qual não se devia tratar como a um inimigo, porém, pelo contrário, respeitá-lo, e que era um dever da família sobrepor sobre a repugnância e resignar-se.”(2002, p.47)

A metamorfose não acontece somente com Gregor, ela acontece também na família, principalmente o pai. Observe:

[...] era aquele realmente seu pai? Era esse o homem que antigamente, quando Gregor se preparava para em preender uma viagem de negócios, permanecia cansado na cama? Aquele mesmo homem que ao regressar a casa recebia-o em camisola, imerso em sua poltrona, e que por não estar em condições de se levantar contentava-se em erguer os braços em sinal de alegria, [...] mas não, agora apresentava-se firme e direito, com um severo uniforme azul com botões dourados como os que costumam usar os empregados dos bancos. Sobre a rigidez do pescoço alto esparramava-se a papada; sob as grossas sobrancelhas os olhos negros despediam um olhar atento e loução e o cabelo branco, sempre despenteado até então, aparecia brilhante e dividido por um risco primorosamente feito. Atirou sobre o sofá o gorro que ostentava o monograma dourado – provavelmente o de algum banco – e traçando uma curva cruzou toda a sala, dirigindo se com rosto severo para Gregor, com as mãos no bolso da calça e as barras de sua longa blusa do uniforme recolhidas para traz. Ele mesmo não sabia o ia fazer, mas ergueu os pés a uma altura desacostumada e Gregor ficou assombrado pelas gigantescas proporções de suas solas. (2002, p.45,46)

Neste trecho fica claro que o pai de Gregor poderia trabalhar e ser o sustento da casa, mas por comodismo, Gregor acabou ocupando este espaço. A mudança do protagonista é cura para o pai e forma de se livrar da sua alienação.

A solidão e a rejeição vão aumentando gradativamente na diegese. A digressão do pensamento e o questionamento da ordem do que é animal ou humano entrelaçam a arte forçando a aproximação. Senti-lo com todas as suas deformações e aceitá-lo era todo o seu desejo. Porém, chegam apenas nojo e asco. O grotesco de suas formas exteriores traz o esquecimento das relações.

E entretanto quão bem tocava a irmã! Como o rosto de lado, se guia atenta e tristemente lendo no pentagrama. Gregor arrastou-se mais um pouco para diante e manteve a cabeça colada ao solo, esforçando-se por fazer o seu olhar encontrar o olhar da irmã. Se era uma fera, por que a música tanto o impressionava? Parecia-lhe que se abria diante dele o caminho que devia conduzi-lo até um alimento desconhecido ardentemente desejado. Sim estava decidido a chegar até a irmã, a puxá-la pela saia e a fazer-lhe compreender desse modo que devia vir ao seu quarto com o violino, porque ninguém elogia aqui sua música como ele queria fazê-lo. Dali em diante, não a deixaria mais sair daquele quarto ao menos enquanto ele vivesse. Pela primeira vez havia de servir-lhe para alguma coisa aquela sua espantosa forma. Sobre todos os que pretendessem atacá-lo. Mas era preciso que a irmã permanecesse junto dele, não à força, porém voluntariamente, era preciso que se sentasse junto a ele no sofá, que se inclinasse para ele... (2002, p.55)

Nesta passagem podemos ver o quanto Gregor se sentia sozinho, e quanto o carinho e amor da irmã era importante, queria que Grete dividisse com ele o seu espaço, mas esta sua aparição fez com que os hóspedes da casa saíssem até mesmo sem pagar o aluguel, e que a família tomasse a decisão de desfazer do “membro” da família: “Depois, contra sua vontade, sua cabeça tombou por completo e eu focinho despediu debilmente seu ultimo alento”.

Gregor se transforma em inseto em seu pequeno quarto, passa o período metamorfoseado neste espaço e acaba morrendo neste pequeno mundo, isolado de tudo e de todos.

Para Bachelard (2000, p. 64) *a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade*. Só que para Gregor, sua casa não foi um espaço favorável, pois ali foi rejeitado por toda a família, que chegaram a ponto de até desejar a sua morte.

Assim podemos observar que a vida do personagem foi sacrificada pela prosperidade de sua família, em especial da irmã. Sua transformação mostrou ser um sacrifício, pois valeu a pena para os membros da família, já que para isso entregou sua própria vida, pois o espaço em que estava vivendo era tão pequeno e isolado que se tornou o seu “mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como propusemos no início desse trabalho monográfico, desenvolvemos essa análise observando o espaço na obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka, a partir de Bachelard. Nesse sentido levantamos alguns pontos relevantes para considerarmos nesse fechamento.

Não é possível fixar em palavras claras a proposta criadora de arte moderna de um artista que só pôde exprimir-se de modo alusivo e enigmático. Quem se recusou constantemente a aceitar para si as facilidades, as soluções simplificadoras e "salvadoras", em contraste com a vida moderna que a tudo tentava simplificar.

O mundo ideal, que serve de tela de fundo para essas reflexões e, em verdade, para toda a obra de Kafka, reflete talvez uma secreta nostalgia daquelas pequeninas comunidades onde pessoas ainda vivem presa à servidão de outrem. Os homens modernos para Kafka perderam a rota. Sua mobilidade irrefreável, sua dispersão, sua desorientação, não deixam mais pressentir a cidade humana cada vez mais remota, onde a palavra consciência seria escutada. Assim, para a interrogação capital dos que buscam afanosamente uma vida em comum digna de viver-se, Kafka não tem resposta, ao menos uma resposta inteligível nos dias atuais, pois "existe um fim, mas o caminho não existe, aquilo que costumamos chamar caminho é apenas perplexidade". Entretanto, a voz que não chega a articular-se em predica bem pode transfigurar-

se em oração. Quer dizer em criação artística. Essa alternativa, ele a perseguiu incessantemente. A sua criação artística não serve para adormecer-nos: ao contrário, serve para despertar-nos. Ela nos transcende e faz-nos viver o nosso tempo, em seus aspectos problemáticos e trágicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e **MARTINS**, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo; Moderna, 1986.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

COUTINHO, Afrânio. *Literatura no Brasil, Era Modernista*. 4ª ed. São Paulo: Global, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental*. 2ª ed, Ática, São Paulo, 2000.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo. Ática, 7ª ed.2002.

KAFKA, Franz. *A Metarmofose*. Tradução e [posfácio] de Modesto Carone. 2ªed.São Paulo: Companhia das Letras, 2003.(Coleção Literatura em minha casa; v. 3. Novela)

KAFKA, Franz. *A Metarmofose*. São Paulo, 2002

MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. Literatura e sociedade, estudos de teoria e história literária. 8ª ed. São Paulo. T.A. Queiroz, 2000.

OLIVEIRA, Admardo S. etal. Introdução ao pensamento Filosófico Edições Loyola, 4ª ed.